

DISCURSOS AFIRMATIVOS NAS TRAMAS DO SABER-PODER

Denise Gabriel Witzel¹

Comentário do Editor

Na continuidade da tarefa de oportunizar o alargamento do espaço de discussão acerca do fenômeno da linguagem, seu funcionamento e suas implicações, na égide da investigação linguística, a Revista Saridh (Linguagem e Discurso) apresenta, nesta edição (volume 5, número 1 - 2023), uma entrevista com a pesquisadora e professora Denise Gabriel Witzel, da Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro). A participação da Professora Denise é instrumento que não apenas abrilhanta, de forma singular e inédita, a discussão sobre os discursos afirmativos, mas, para além disso, lustram o celebrado momento de fala sobre a problemática da midiatização. Com todo o louvor que lhe é devido e com a perícia que é marca forte de sua forma de ler o mundo e suas manifestações, a Professora Denise mobiliza em suas respostas uma profundidade intelectual típica e que nos apresenta a reflexão sobre as interseccionalidades, as lutas e os engajamentos a que estamos sujeitos e submetidos frente às demandas da sociedade contemporânea.

A professora-pesquisadora Denise Gabriel Witzel possui graduação em Letras Português Francês pela Universidade Estadual Paulista - UNESP-Assis, mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Maringá e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista - FCL/UNESP-Araraquara-SP. Denise realizou estudos em programa de doutorado sanduíche na Universidade Louis Lumière de Lyon II, França e atualmente é professora na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO-Guarapuava/Pr). É membro do GT de Estudos Discursivos Foucaultianos da ANPOLL e também Diretora da Editora UNICENTRO (EDUNI). Nossa convidada é Coordenadora Institucional do Programa Paraná Fala Francês (PFF) na UNICENTRO e tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente nos temas: ensino da língua portuguesa, discurso, corpo e história das mulheres.

A trajetória acadêmica, a sensibilidade em contribuir com a sociedade brasileira e o envolvimento direto com a ciência, via pesquisas desenvolvidas no âmbito institucional, exponenciam o lugar único e medular reservado à Professora Denise na cena nacional. Na assertividade de suas respostas a esta entrevista, nossa convidada nos agracia com reflexões inéditas sobre a relação entre os modos e processos de midiatização e a produtividade dos discursos afirmativos daí advindos.

Com inquestionável maestria e incrível didaticidade e clareza, Denise nos fala sobre a tarefa de lermos os discursos para, na revelia dos efeitos de sentidos que eles oportunizam, podermos compreender nossa posição de sujeito no mundo. A leitura desta entrevista constitui-se, portanto, como um imperativo aos analistas e estudiosos do discurso no Brasil.

1. (Revista Saridh) Como você entende a relação língua e discurso e como é possível abordar essa relação a partir da discursividade oportunizada pelas produções da mídia no Brasil e no mundo?

Professora Denise: A relação entre língua e discurso tem sido alvo de inúmeros entendimentos no campo dos estudos linguísticos e discursivos. Mirando essa relação precisamente pela ótica dos Estudos Discursivos Foucaultianos, campo de estudo no qual tenho desenvolvido e orientado trabalhos de pesquisa, entendo a relação entre língua e discurso a partir de uma relação incontornável entre a língua (linguagem) e os aspectos sociais, históricos, políticos e culturais. Isso significa considerar tudo o que, de certa forma, foi excluído pelas correntes estruturalistas derivadas da concepção de língua como sistema, notadamente o sujeito, a situação e a história, ou seja, a exterioridade.

Sob a ótica arqueológica do filósofo francês Michel Foucault, em que pese o fato de a língua não ser seu objeto de análise, ou mesmo discussão, ele dá grande centralidade em sua *Arqueologia do Saber* ao conceito de enunciado e, para defini-lo, ancora-se no pressuposto de que a língua é condição para a produção do discurso. Um enunciado, nessa perspectiva, não corresponde a uma frase, proposição ou aos atos de fala, isso porque “os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato de fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2007, p.55).

Para melhor esclarecer, vale recuperar um enunciado propagado na e pela mídia, assim, já respondemos a segunda parte da questão. “*Não é Não*”¹ é um enunciado que ganhou grande visibilidade midiática no período do carnaval, decorrente de um movimento de mulheres que visavam combater o assédio sexual. A estratégia foi tatuar, temporariamente, *Não é Não* na pele dos corpos que surgem como uma resposta bastante clara e contundente às práticas patriarcais que subjugarão os corpos femininos e produziram rotineiras formas de sujeição e de violência ao longo de sua história. O “a mais”, nesse caso, refere-se a esses elementos não-linguísticos que nos permitem compreender o discurso de resistência daquelas mulheres como uma prática de liberdade que provém da formação de saberes sobre o corpo da mulher articulados com outras práticas não discursivas. Em suma, na língua materializamos o enunciado *Não é Não* – efêmero nos corpos seminus presentes nas manifestações que vão às ruas, mas perene nas mídias sociais – lido e interpretado em sua relação com a história da mulher.

2. (Revista Saridh) Qual é a importância das teorias e estudos que se propõem a abordar as práticas discursivas do cotidiano e os sentidos por elas mobilizados tendo em vista, sobretudo, o lugar reservado aos sujeitos sociais no espaço de cobertura midiática do presente?

15

Professora Denise: No âmbito das diferentes teorias e estudos que se propõem a abordar as práticas discursivas, há pontos em comum para pensarmos nessa importância, conforme Gregolin e Witzel (2016): o discurso não brota no momento da enunciação; existe uma relação indissociável entre a língua, o sujeito e a história; o que os sujeitos dizem (mediante palavras e/ou imagens) é sustentado historicamente, ou seja, os sentidos são dependentes das formações discursivas nas quais o discurso se inscreve; todo discurso é produzido sob certas determinações históricas, constituindo-se como um espaço em que saber e poder se articulam.

¹ Desenvolvo esse tema no artigo Witzel, D. G. (2022). Discurso, corpo utópico e escrita de/em si. *Revista Da Anpoll*, 53(2), 281–297. <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v53i2.1746>

Face aos atuais e gigantescos processos de midiáticação, acelerados pela euforia tecnológica em compasso com o mercado de consumo, entendo que compreender o funcionamento dos discursos, a partir daquelas características, é se apropriar de ferramentas analíticas que, grosso modo, contribuem para as práticas de leitura e de interpretação de um texto/imagem que circula nas diferentes mídias. Isso implica a formação de sujeitos leitores que entendem que o sentido não é evidente ou transparente, já que pode ser outro; que as verdades disseminadas em notícias, *posts*, ou em quaisquer outros textos, precisam ser entendidas como produções históricas, pois não são absolutas, universais, tampouco definitivas.

Trata-se de vontades de verdade (FOUCAULT, 2007) que se transformam de acordo com as contingências históricas e somente são compreendidas mediante um gesto de leitura de um leitor com capacidade de análise crítica e com entendimento de sua realidade. É nesse ponto que a “importância das teorias e estudos que se propõem a abordar as práticas discursivas do cotidiano e os sentidos por elas mobilizados” se interliga à importância da leitura na formação social dos sujeitos.

3. (Revista Saridh) Como caracterizar os discursos afirmativos e como essas formas de dizer podem fomentar, no âmbito da efetividade e produtividade linguística, os movimentos de luta, de engajamento e as interseccionalidades da vida política, social, ideológica dos sujeitos?

Professora Denise: Os discursos afirmativos apontam, fundamentalmente, para modos de existência dos sujeitos e, sobretudo, de resistência daqueles e daquelas historicamente atingidos por perversas tecnologias do poder que provocaram segregações e exclusões sociais baseadas em questões de gênero, raça, sexualidade, entre outras. Sendo os discursos espaços em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente), não tenho dúvidas de que as formas de dizer que visam combater o racismo, sexismo, LGBTQIA+fobia, xenofobia e quaisquer outras formas

de discriminação são respostas a essa urgência histórica, fomentando flexibilizações de certezas e, felizmente, produções de novas subjetividades.

Descolonizar discursos, reconstruir e fazer ecoarem as vozes de sujeitos historicamente inviabilizados, ao tempo em que ressignificam visões e práticas preconceituosas na vida política, social, ideológica dos sujeitos, são, dentre outras, importantes medidas de enfrentamento às desigualdades sociais e raciais. Volto a destacar a urgência de serem desestabilizadas as certezas que persistem fomentando as desigualdades sociais, subjugando corpos e impondo-lhes lugares, limites, interditos e exclusões. A emergência e circulação de discursos afirmativos significa a conquista de espaços para insurreições de saberes contra os exercícios do poder ligados a diferentes instituições – política, religiosa, familiar etc. – organizadas em uma sociedade como a nossa.

Com efeito, são discursos que contribuem para que certezas e verdades sejam desestabilizadas e, sobretudo, reinventadas, tendo em conta que, na perspectiva que sigo, os sujeitos são sempre submetidos pelo poder à produção da verdade e somente podem exercer algum poder a partir da produção da própria verdade. E a verdade é a norma: “Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos do poder” (FOUCAULT, 2008, p.180).

4. (Revista Saridh) Que configuração adquire o papel do professor-pesquisador na condução de um processo de ensino-aprendizagem coerente e atento aos sentidos produzidos pela midiática dos acontecimentos e sua inscrição em redes de discursos, notadamente, os discursos ditos afirmativos?

Professora Denise: Se hoje proliferam discursos que reinventam homens e mulheres na construção de suas narrativas históricas é porque ganharam relevo os discursos afirmativos de uma luta ocorrendo há muito tempo, nascida nos movimentos sociais (feministas, antirracistas, LGBT etc.) e fortalecida, creio, pelos trabalhos teóricos e analíticos

desenvolvidos no âmbito das pesquisas acadêmicas que, muitas delas, em seus diferentes modos e perspectivas, buscam responder à pergunta de Michel Foucault: *Quem somos nós hoje?* Trata-se de uma pergunta que não remete a sujeitos “reais” ou universais, mas a singularidades históricas.

Entendo que o papel do professor-pesquisador na condução de um processo de ensino-aprendizagem é também buscar respostas a essa questão quando se compromete a contribuir no conjunto de ações que visam à formação de alunos críticos, autônomos, capazes de pensar e refletir, eticamente, acerca da dignidade, do respeito, da afetividade, das responsabilidades, enfim, dos modos justos e igualitários de nossa vida em sociedade. Mais precisamente com relação à midiatização dos acontecimentos, volto a Foucault para lembrar que todo sistema de educação “é uma maneira política de manter ou modificar apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 2005, p. 44). É nesse sentido que no espaço da sala de aula e nas suas extensões podem ser desenvolvidas práticas pedagógicas que evidenciem como e por que certo enunciado – e não outro – ganhou destaque na mídia, articulando-os às relações de poder, à sua circulação e dispersão ao longo da história. Nas possíveis respostas para *quem somos nós*, no campo dos estudos linguísticos e discursivos, podemos promover práticas responsivas à midiatização dos acontecimentos, notadamente aos novos padrões de interação que, muitas vezes, reverberam discursos racistas, misóginos e preconceituosos.

5. Considerando os discursos e as verdades que atribuem determinada especificidade à escola pública brasileira e à educação nacional como um todo conferindo-lhe, por certo, a condição de acontecimento, é possível vislumbrarmos um ensino voltado para atender a formação plena do educando, o que envolve pensar, por exemplo, a capacidade de observar a si mesmo como agente produtor e replicador de discursos?

Professora Denise: Sendo otimista, entendo ser possível vislumbrarmos um ensino atento às urgências do mundo contemporâneo, capaz de acolher, problematizar e enfrentar seus problemas, desejos e necessidades mais prementes, mediante a construção de

conhecimentos, passando pela formação de sujeitos capazes de observar a si mesmo como agente (re)produtor de discursos. É importante não perder de vista alguns discursos e verdades fundantes da escola e da educação em aspectos mais gerais: (i) segundo a LDB, o compromisso da escola é “educar os alunos dentro dos princípios democráticos”; (ii) nos PCNs, lemos que é necessário “compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito”²; (iii) a BNCC orienta premissas/competências que “visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”³.

Considerando esses pontos em meio a tantos outros que normatizam a escola e a educação, apontando para o desenvolvimento integral dos alunos com vistas à sua preparação para a vida cidadã, cabe a nós, educadores, notadamente da área das Letras, contribuir para a formação plena dos educandos nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso das múltiplas linguagens, considerando quem somos nós enquanto seres sociais. Nessa direção, deixo aqui uma sugestão de leitura: o livro “Ensinando a Transgredir”, de bell hooks (2013), que, seguindo a temática desta entrevista, pode contribuir para que possamos promover um ensino pautado na e pela reflexão crítica sobre as diferentes práticas discursivas que permeiam o cotidiano de professores e alunos. Ao ensiná-los também a transgredirem as fronteiras raciais, sexuais e de classe, a autora nos incita a pensar a educação como uma prática de liberdade, tornando o mundo mais justo, inclusivo e, de fato, mais democrático.

6. (Revista Saridh) Considerando o papel da mídia e a capilaridade de seu poder na dimensão da vida cotidiana, como o sujeito social pode se colocar na posição de crítico, de questionador das verdades e formas de dizer a história? Que impactos e implicações podem ser assinalados nesse tocante?

² <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>.

³ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>

Professora Denise: Diante da imensa e poderosa orquestração de vozes, palavras e imagens que nos atingem cotidianamente via mídia – jornais, revistas, televisão, rádio e, sobretudo, *internet* – devemos estar sempre atentos às vontades de verdade, tendo em conta que os discursos, tomados como prática discursiva, inscrevem-se em redes de memória constituídas por relações de poder-saber que determinam o que pode ou não pode ser dito/visto. Se os sentidos nunca são evidentes, não estão totalmente visíveis nas materialidades, uma vez que estão diluídos na heterogeneidade constitutiva do discurso, ler e interpretar “as verdades” disseminadas e legitimadas pela mídia, implica conceber a produção dos sentidos como algo produzido por sujeitos sociais e históricos que se valem da materialidade da linguagem para entrarem, via discursos, nos jogos estratégicos e polêmicos por meio dos quais constituem-se os saberes de um momento histórico.

Tendo isso em foco, a leitura de um texto ou imagem nessas condições de produção pressupõe a existência de um leitor que, além de decodificar os signos, possa compreender e refletir sobre os efeitos de sentido do que lê, analisando as próprias conclusões e julgamentos sobre o assunto de modo a assumir a posição de crítico e questionador das verdades disseminadas. A esse leitor cabe acatar, problematizar ou refutar o que o discurso midiático informa, reverbera, denuncia, publiciza, recomenda, espetaculariza etc., dialogando com outras diferentes perspectivas e diversidade de pontos de vista, de modo a responder de maneira não passiva aos problemas que o mundo contemporâneo nos coloca e sobre os quais podemos nos debruçar, a fim de compreendermos criticamente o funcionamento da língua(gem) na produção de sentidos, sujeitos e verdades.

O impacto e as implicações desse tipo de leitura podem combater, dentre muitas outras questões, a disseminação de *fake news*, muitas delas revestidas por discurso de ódio que reforçam racismo, homofobia, enfim, posicionamentos preconceituosos.

7. (Revista Saridh) Observando o efeito de intimidade do sujeito com as mídias, na vida pública e privada, bem como sua adesão a formas e instrumentos midiáticos cada vez mais finos, sagazes, aguçados e vinculados a saberes politizados, qual o papel da universidade nessa conjuntura?

Professora Denise: Responder a essa pergunta implica compreendermos um dos pontos fundamentais em relação ao sujeito e, a partir disso, sua relação com a produção e disseminação dos discursos de uma forma geral e os midiáticos de uma forma mais específica. Diferentemente das concepções atreladas à ideia de universais antropolizantes que pensavam a comunicação realizada entre sujeitos individuais, de onde brotariam os sentidos daquilo que é enunciado, consideramos esses sujeitos em dispersão, ou seja, quem fala sempre o faz de um certo lugar (posição sujeito) constituído de liberdades e interditos, inclusões e exclusões, normas de condutas e de contra condutas, de poder e de contrapoder.

Com efeito, as concepções que se contrapõem àquelas que visavam naturalizar e apagar as estratégias de poder e, extensivamente, o sofrimento e as inequidades (re)produzidas “dentro de comunidades ditas livres e democráticas” (MOITA LOPES, 2020, p.371), têm balizado o trabalho de muitos professores/pesquisadores nas Universidades. Esses, ao problematizarem *o efeito de intimidade do sujeito com as mídias, na vida pública e privada, bem como sua adesão a formas e instrumentos midiáticos cada vez mais finos, sagazes, aguçados e vinculados a saberes politizados*, integram em suas preocupações teórico-analíticas os modos de existir desse sujeito. Isso significa, a meu ver, considerar os jogos de verdades que, muitas vezes, precisam ser questionados, sobretudo quando se trata de verdades que legitimam a exclusão social, alimentando cotidiana e ideologicamente em diferentes espaços midiáticos, práticas de violações aos direitos humanos. Nessa linha de raciocínio e tomando a mídia como um veículo presente na vida pública e privada dos sujeitos, entendo que o que se vê, ouve e lê no espaço midiático são questões que nos levam a fomentar nas universidades linhas de trabalho que valorizam a produção de conhecimentos plurais, balizado e orientado, de um lado, pelo respeito e pela solidariedade; de outro, pela atitude crítica e transformadora, contribuindo para o enfrentamento das desigualdades sociais, muitas delas alimentando práticas misóginas, LGBTQIA+fóbicas, racistas e afins.

8. (Revista Saridh) Considerando a fulcral necessidade de incentivo à formação de sujeitos críticos, leitores da realidade e atentos às peripécias da midiática da vida em sociedade, como você analisa o espaço dado ao trabalho com os conceitos de língua, de discurso e de sentido (via componentes curriculares, projetos de ensino, pesquisa e extensão) nos cursos de graduação e de pós-graduação no Brasil?

Professora Denise: Em que pese o fato de essa ser uma questão bastante complexa, haja vista que tal espaço depende dos diferentes programas e das diferentes universidades, creio que muito já foi alterado e superado se olharmos atentamente para os atuais abalos das antigas compreensões essencialistas da vida social e, mais precisamente em relação ao terreno dos estudos linguísticos envolvendo os conceitos de língua, de discurso e de sentido, são inúmeras e importantes as contribuições de pesquisadores focados nesse ponto, de modo a promover, cada vez mais, a formação de alunos da graduação e da pós-graduação com responsável postura crítica e questionadora do funcionamento da língua(gem) e do mundo ao seu redor.

Do lugar da Análise do Discurso, e aqui reitero que falo a partir dos Estudos Discursivos Foucaultianos, temos muito a contribuir e muito ainda por fazer para dar visibilidade às lutas entre poderes e saberes no terreno da linguagem, disputando os significantes, produzindo regimes de enunciabilidade e visibilidade de discursos que circulam em diferentes e múltiplas materialidades, notadamente nos meios digitais.

Na relação inescapável entre língua e produção de vontade de verdades, a partir da qual a linguagem deixa de ser pura forma e adquire historicidade, esses discursos contribuem para o enfrentamento de sentidos, muitas vezes, apagados/silenciados, reclamando o empoderamento de sujeitos sociais, questionadores e críticos das formas hegemônicas e estereotipadas de controle dos corpos e das formas de dizer e refazer a história, tornando-se um sujeito ativo no encaixe de uma sociedade mais democrática e inclusiva. Acompanhando as reflexões de Moita Lopes (2020), há muito ainda a se conquistar para que as Universidades possam melhor cumprir seu papel democrático e ético, ressignificando os modos tradicionais

de dominar os conteúdos e ensiná-los, com vistas a adotar uma postura mais engajada na formação de sujeitos capazes de compreender que (i) os discursos derivam de normas e códigos, muitas vezes, estáveis, persistentes, lentos em se mover; (ii) há discursos institucionais em circulação em detrimento de outros, fomentando cotidianamente determinadas narrativas preconceituosas e discriminatórias. Sobretudo, há muito ainda para se compreender acerca do funcionamento dos discursos, considerando que existe, em nossa sociedade e no que somos, uma importante dimensão histórica e, “no interior desse espaço histórico, os acontecimentos discursivos que se produzem há séculos ou há anos são muito importantes. Somos inextricavelmente ligados aos acontecimentos discursivos. Em um certo sentido, não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas...”. (FOUCAULT, 2015, p. 252).

Destaco essa citação, porque o que se diz sobre algo, do mais banal ao mais complexo, impõe gestos de compreensões a partir das condições de existência dos enunciados – verbais, visuais e verbo-visuais – que afirmam e definem quem somos nós, há dias, semanas, séculos. Por que este enunciado, e não outro? Quais memórias são atualizadas neste enunciado? Enfim, são perguntas importantes a serem consideradas nas práticas de leitura/escrita de sujeitos críticos; fundamentais para a produção de liberdades e novas subjetividades.

9. (Revista Saridh) Considerando que todo discurso reclama um referencial extralinguístico de forma a estabelecer seu próprio quadro de legitimidade, de identidade e de subjetividade, existe espaço para pensarmos, no contexto nacional, um lugar de positividade e de veridicção para o discurso afirmativo? Que vozes e verdades em rede caminham nesse sentido?

Professora Denise: Penso que sim, apesar dos últimos tempos, em que tivemos forte levante das narrativas hegemônicas e intensas medidas para tentar desqualificar os discursos afirmativos. Sabemos que, hoje, a propagação de informações se dá, fortemente, por meio da *internet* e, mais precisamente, pelas redes sociais. E é nesse lugar que emerge uma grande diversidade de vozes e perspectivas, em cujo debate ganham destaque e, cada vez mais

espaço e visibilidade, grupos que lutam, via práticas discursivas e não discursivas, para eliminar as desigualdades sociais históricas. Dentre as importantes vozes e novas subjetividades que caminham nesse sentido, quero destacar uma que nos orienta de forma bastante fundamentada a enxergar o mundo por “outras lentes”, fazendo ressoarem os discursos que não confundem diferenças com desigualdades.

Recupero, pois, a voz forte e coerente de Djamila Ribeiro (2018, p. 27), filósofa e feminista negra que, ao propagar o enunciado “lugar de fala”, permite-nos pensá-lo como uma categoria analítica no campo linguístico e discursivo, englobando fatores de gênero, étnico-racial, social, histórico, geracional e territorial. Do lugar de fala no feminismo negro, ela argumenta: é imprescindível forjar “um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento e da negação”. Eis um bom exemplo das vozes e verdades em rede que caminham no sentido de fazermos valer o respeito irrestrito aos direitos humanos e à diversidade cultural, linguística, de gênero e seus desdobramentos.

10. (Revista Saridh) Ao agradecermos muito sincera e cordialmente por sua atenção e disponibilidade em nos prestigiar com essa entrevista, deixamos aqui aberto este espaço para suas considerações finais.

Professora Denise: Sou eu quem agradece esta oportunidade. Para finalizar estas rápidas reflexões que trataram dos discursos afirmativos nas tramas do poder-saber, gostaria de lembrar que, ao analisarmos discursos com e a partir do filósofo francês Michel Foucault, visamos discutir proposições valendo-nos de sua caixa de ferramentas analítica no campo da linguagem, focalizando sempre a incontornável articulação entre discurso, sujeito, história e memória. Seguindo seus passos arqueogenealógicos, somos orientados por princípios de quem foi/é um cartógrafo das margens e historiador do corpo, do poder e dos espaços, interessado na vida dos homens infames e nas estratégias de sujeição do sujeito enredado no poder-saber. Para ele, é na investigação dos acontecimentos periféricos, daqueles deixados à margem da história, que se pode ouvir o rachar das estruturas e, falando diretamente para estudantes e pesquisadores que se interessem pelos temas e ideias desenvolvidos por

Foucault, ele pauta seus ditos e escritos na importância de problematizar as práticas discursivas de modo a compreender como isso-que-é poderia já não ser isso-que-é. Assim, fecho citando: “qualquer descrição deve sempre ser feita de acordo com estes tipos de fraturas virtuais que abrem espaço para a liberdade, entendida como um espaço de liberdade concreta, ou seja, um espaço de possível transformação”. (FOUCAULT *apud* MAY, 2011, p. 107-108).

Referências

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FOUCAULT, Michel. Diálogos sobre o poder. Ditos e Escritos. **Estratégias, Poder-Saber**. MOTTA, Manoel de Barros da (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

GREGOLIN, Maria do Rosário V.; WITZEL, Denise Gabriel. Análise do discurso verbo-visual do Facebook. In: ABREU, A.S.; SPERANÇA-CRISCUOLO, A.C.. (Org.). **Ensino de Português e Linguística**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2016, v. 1, p. 119-134.

MAY, T. A concepção de liberdade de Foucault. In: TAYLOR, D. (Org.) **Michel Foucault-conceitos fundamentais**. São Paulo: Vozes, 2018, p.97-113.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; FABRÍCIO, Branca Falabella. LOPES, L. P. da. Por uma ideologia linguística responsiva às teorizações Queer. *Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.]*, v. 21, n. 2, p. 370–387, 2020. DOI: 10.26512/les. v21i2.35701. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35701>. Acesso em: 6 maio 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ⁱ Professora Associada do Departamento de Letras e do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO)
E-mail: witzeldg@gmail.com
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2281147550095036>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4685-7574>